

Malan frustra expectativa e derruba os mercados

Índices despencaram depois que o ministro não anunciou um novo acordo com o FMI

SERGIO LAMUCCI
e MÁRCIA PINHEIRO

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, frustrou ontem os investidores, ao não anunciar nada de concreto numa entrevista concedida perto do fim dos negócios, e com isso ajudando a derrubar a Bolsa, que fechou em queda de 4,64%. O Ibovespa encerrou o dia em 9.217 pontos, o nível mais baixo desde 3 de março de 1999. O risco país, por sua vez, pulou de 1.849 para 1.991 pontos, em nível recorde, chegando a superar os 2.000 pontos logo após o início da entrevista. O mercado esperava que Malan divulgasse um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), ou pelo menos alguma medida para ajudar a conter a alta do dólar, mas o ministro decepcionou os operadores ao dizer que não tinha “nenhuma declaração bombástica a fazer”. O “efeito Malan” só não foi maior sobre o câmbio porque esse mercado já estava fechado quando o ministro começou a falar. Mesmo assim, o dólar fechou acima de R\$ 3,00 pela primeira vez desde o começo do Plano Real, co-

tado a R\$ 3,015, em alta de 0,67%. Foi o quinto recorde seguido da moeda.

Os títulos da dívida externa brasileira também sofreram bastante. O C-Bond, o papel brasileiro mais negociado, caiu 3,66%, valendo 55,875% do valor de face. Segundo operadores, a queda só não foi maior porque o Banco Central (BC) teria comprado os papéis no fim dos negócios. Algumas transações saíram a 55% do valor de face.

Segundo o diretor-executivo de Tesouraria do Banco Fator, Sérgio Machado, o anúncio, às 14h22, de que Malan concederia uma entrevista, levou os investidores a acreditar que algo de peso seria anunciado. Essa expectativa foi reforçada quando surgiu a notícia de que o presidente Fernando Henrique Cardoso também falaria à imprensa em Guaiaquil, no Equador. O dólar chegou a cair para R\$ 2,99, e o Ibovespa reduziu a perda para menos de 2%.

O anúncio das entrevistas levou os investidores a uma atitude cautelosa, diminuindo o volume de negócios. A expectativa era que Malan anunciasse um novo acordo com o FMI. Os mais otimistas apostavam num pacote de US\$ 20 bilhões. O ministro, no entanto, não atendeu às expectativas, mesmo ao dizer que “não faltará apoio internacional ao Brasil” e que há conversas em anda-



mento com o FMI. “O mercado queria o anúncio de alguma medida concreta, especialmente de um pacote do Fundo. Mas a mon-

tanha pariu um rato”, disse Machado. Após a frustração com Malan, que iniciou a entrevista pouco depois das 16 horas, a Bol-

sa chegou a cair 5,18%. As declarações de Fernando Henrique, de que não considera necessário prorrogar o acordo com o FMI, também não agradaram ao mercado.

O mercado abriu mais uma vez nervoso, por causa da confirmação de que Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Ciro Gomes (PPS) estão muito à frente de José Serra (PSDB) na corrida presidencial, como mostraram as pesquisas do Vox Populi e do Ibope divulgadas nos últimos dias. Além disso, o cenário externo continua preocupante, embora ontem o Dow Jones tenha fechado em alta de 0,95% e o Nasdaq, de 1,78%. A turbulência no mercado internacional tem diminuído o apetite pelo risco por parte dos investidores estrangeiros. Isso significa que mercados emergentes como o Brasil devem receber menos dinheiro.

A combinação de incertezas no cenário político e do aumento da aversão global ao risco tem levado os bancos estrangeiros a reduzir sua exposição ao Brasil, cortando até mesmo as linhas de comércio exterior. O resultado é que a oferta de dólares está muito baixa, num momento em que as empresas demandam a moeda para quitar dívidas no exterior ou pré-pagar títulos negociados com deságio no mercado internacional. “Há uma forte escassez de dólares no

mercado”, afirma o diretor de câmbio do banco Lloyds TSB, Marcelo Schmitt. Para ele, seria positivo se o BC aumentasse o valor da oferta diária de moeda americana em agosto, hoje de US\$ 50 milhões.

Mas o que o mercado espera mesmo é que seja anunciado algum acordo com o FMI. Para o economista-chefe da BBA Corretora, Alexandre Schwartzman, um novo pacote seria importante para indicar que o risco de descontinuidade da política econômica no próximo governo é menor. Para ele, foi uma decisão “infeliz” de Malan vir a público sem ter nada de concreto para anunciar. Outros analistas entendem

que um acordo com o FMI que aumente o poder de fogo do BC no mercado de câmbio seria fundamental num momento em que a oferta de dólares escasseia. No ano, o dólar está em alta de 30,14%.

ESCASSEZ DE MOEDA AMERICANA PREOCUPA

Além disso, as saídas de recursos pelas contas de não residentes, conhecidas como CC5, continuam elevadas. Para alguns analistas, as remessas por essas contas podem se intensificar, principalmente porque Ciro Gomes, que tem crescido nas pesquisas, disse nesta semana que pretende acabar com a “farra” de envio de dólares pelas CC5. Rumores davam conta de que teriam saído US\$ 70 milhões pela CC5 na quinta-feira.